

## HISTÓRIA DO DOPPING

Osmar de Oliveira\*

Os problemas anti-doping nos atletas são cada vez mais freqüentes. Isso tem aumentado o número de casos positivos. Na década de 70, as anfetaminas eram as mais usadas. A partir de 80, os esteróides anabólicos entraram pra valer, ajudando a marcar recordes e deixando um rastro de efeitos colaterais, alguns graves e irreversíveis. Nesta virada de século, eles ainda são muito usados, agora com a companhia do hormônio de crescimento que tem efeito anabolizante e efeitos secundários muito indesejáveis. Nos esportes coletivos, principalmente o futebol, basquetebol e voleibol, a cocaína tem sido motivo de muitos resultados positivos.

Há uma verdadeira luta mundial para se coibir a dopagem. O que pouca gente sabe, são as dificuldades da coleta do material (atualmente só urina). Quando essa coleta é feita em campeonatos mundiais, Jogos Olímpicos e Pan-Americanos, os comitês organizadores obrigam que os estádios e ginásios tenham salas próprias para a coleta. Além disso, os atletas quase sempre cumprem com rigor os passos técnicos e burocráticos do procedimento, seja pela seriedade do controle, seja pelas punições que não dão direito à defesa jurídica. Mas quando se trata de campeonatos locais, principalmente de futebol (e vou me restringir apenas ao Brasil), tudo é diferente. Nenhum estádio tem sala apropriada, muitos atletas se rebelam, alguns dirigentes atrapalham e a farsa e a fraude rondam essas coletas. O médico responsável pela coleta precisa ser enérgico, austero e perspicaz, devendo estar sempre imbuído de um espírito investigador e desconfiado. Este não deveria ser o seu papel nessas horas, mas a história das coletas aqui no Brasil, mostra que esses atributos são obrigatórios. Acostumado com essas coletas há mais de vinte anos, eu teria muitos casos para contar e para me lastimar. Vou relatar, resumidamente, apenas alguns:

1 - Piracicaba, campeonato paulista, jogo do XV de Novembro contra o Marília. O jogador Enéas, em fim de carreira, está sentado com o

frasco da coleta nas mãos e se diz sem vontade de urinar. Pede para ir ao bar da esquina tomar cerveja para facilitar a micção. Volta quinze minutos depois, fingindo leve embriaguez e tropeça (como se estivesse cavando um pênalti), derruba a mesa e quebra todos os frascos do exame. O exame é suspenso, os cacos de vidro são recolhidos e tudo termina na delegacia, onde o delegado não quis registrar boletim de ocorrência.

2 - Francana X Marília. Dois atletas estão sentados no chão com seus respectivos frascos ao lado. Só haviam colhido 30 ml. Era preciso mais um pouco. Os dois chamavam-se Fernando e sabiam que estavam dopados. Um deles, fingindo inocência, pega o frasco do outro, que percebendo a troca, achou que estava levando vantagem, imaginando que seu adversário não se dopara. O médico da coleta não viu. Conclusão: dopagem positiva para os dois.

3 - Guaratinguetá. Sortearam-se os quatro atletas, dois de cada equipe. Um deles, um zagueiro forte, negro musculoso. Quando se apresentou para o exame, desconfiei. Quem estava lá me parecia menos alto e não tão forte. Pedi a carteira de registro de atleta e ele falou que o administrador da equipe já havia ido embora com todas as carteiras. Pedi o RG, disse que não usava documentos. Chamei a polícia, pedi vigilância total por alguns minutos e me safando de alguns empurrões, entrei no ônibus da equipe que estava ali bem perto. No fundo, uns 5 ou 6 sacos grandes de material esportivo que me intrigaram pelo amontoado. Fui tirando aos poucos e lá no chão, deitado e encolhido estava o verdadeiro zagueiro que havia sido sorteado. Colhi a amostra à força. Estava dopado.

4 - Jogador famoso que quase sempre usava estimulantes. Vários laudos negativos. Com o tempo descobri sua tática. Ele demorava várias horas para urinar, esperando o cansaço do médico.

---

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 3, n. 2, p. 47 - 48, 2001

\* Médico Ortopedista e de Medicina do Esporte, ex-aluno da Faculdade de Medicina de Sorocaba.

Um diretor da equipe, amigo, pedia para entrar e lhe dar um recado, ia ao banheiro, urinava e não apertava a descarga. Com o cansaço geral, ele dizia que iria urinar no banheiro porque a presença de outros atletas e dos médicos lhe causavam inibição. Pronto, colhia urina do próprio

vaso sanitário e mostrava o frasco cheio como se estivesse erguendo um troféu. Na primeira oportunidade que não permiti a artimanha, ele urinou depois de quatro horas, na minha frente. Resultado: positivo para anfetaminas.

*As opiniões expressas nesta sessão representam o ponto de vista de seus Autores e não, necessariamente, da Revista.*



REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS

**Agradecemos o apoio da  
Associação dos Ex-alunos da PUC-SP**